



Nota do autor

Prólogo

Parte 1. Vale do Veneno

1. A gravação

2. Mordida

3. Lama

4. Botão

5. Kandahar

6. Continental

7. Fantasmas

8. Arma

9. Minions

10. Mama

11. Bloom

12. Engraçado

13. Pau

Parte 2. Baleia-branca

14. Foca

15. Ruído

16. ADH

17. 666

18. Quadribol

19. Espiral

20. Culto

21. Escândalo

22. Pathfinder

- 23. Candy
- 24. Pausa
- 25. Pundit
- 26. Garoto
- 27. Altar
- 28. Cauda de pavão

### Parte 3. Exército de espiões

- 29. Fakakta
- 30. Garrafa
- 31. Sizígia
- 32. Furacão
- 33. Goose
- 34. Carta
- 35. Mutação
- 36. Caçador
- 37. Roubo
- 38. Celebridade
- 39. Efeitos colaterais
- 40. Dinossauro
- 41. Gente ruim

### Parte 4. Sleeper

- 42. Edificar
- 43. Conspiração
- 44. Carregador
- 45. Camisola
- 46. Pretexto
- 47. Correndo
- 48. Gaslight
- 49. Aspirador
- 50. Coelhinha
- 51. Chupa-cabra

Parte 5. Indenização

52. Círculo

53. Axioma

54. Pegasus

55. Desmanchando

56. Zdorovie

57. Apimentar

58. Limpeza

59. Lista negra

Epílogo

Agradecimentos

Notas

Autor

Créditos

*Para Jonathan*

## Nota do autor

*Operação abafa* é fruto de dois anos de trabalho jornalístico. Baseia-se em entrevistas com mais de duzentas fontes, bem como em centenas de páginas de contratos, e-mails, mensagens de texto e dezenas de horas de áudio. O livro foi submetido ao mesmo padrão de checagem de fatos por que passam as matérias da revista *New Yorker*, nas quais se fundamenta.

Todos os diálogos aqui apresentados provêm de gravações e de registros feitos na época em que as conversas ocorreram. Como esta é uma história sobre vigilância, alguns envolvidos muitas vezes testemunharam conversas ou as gravaram secretamente, e, em certos casos, pude obter seus testemunhos e registros. Ao fazer minhas próprias gravações, ative-me a todos os padrões éticos e legais.

A maioria das fontes que você encontrará nestas páginas me permitiu que usasse seus nomes completos. Algumas, todavia, não puderam fazê-lo, por receio de represálias legais ou ameaças à sua segurança física. Nesses casos, o livro repete os pseudônimos usados nas reportagens. Antes da publicação, entrei em contato com todas as figuras-chave no livro e lhes ofereci a oportunidade de responder a quaisquer alegações feitas sobre elas. No caso dos que concordaram em responder, a narrativa reflete suas respostas. No caso dos que preferiram não responder, fiz um esforço sincero para incluir declarações publicamente disponíveis. Nas citações de materiais escritos, mantivemos a linguagem original, incluindo erros de ortografia e de transcrição.

Os eventos relatados em *Operação abafa* se passam entre o final de 2016 e o início de 2019. O livro contém descrições de violência sexual que alguns leitores podem considerar perturbadoras.

## Prólogo

Os dois homens estavam sentados num canto do Nargis Cafe, um restaurante de comida russa e uzbeque em Sheepshead Bay, no Brooklyn. O ano de 2016 terminava, e fazia frio. O lugar era enfeitado com bricabraques das estepes e representações em cerâmica da vida campestre: avós em forma de babushka, fazendeiros com ovelhinhas.

Um dos homens era russo, o outro ucraniano, mas essa era uma nuance, não uma diferença: ambos eram filhos dos escombros da União Soviética. Aparentavam ter cerca de 35 anos. Roman Khaykin, o russo, era baixo, magro e careca, com nariz arrebitado de brigão e olhos escuros. De resto, tudo nele era pálido: mal tinha sobrancelhas, dava a impressão de não ter sangue nas veias do rosto, a careca era oleosa e reluzente. Vinha de Kislovodsk, nome cuja tradução literal é “águas amargas”. Seus olhos percorriam o perímetro do recinto, cheios de suspeita.

O ucraniano, Igor Ostrovskiy, era mais alto e gorducho. Tinha cabelos encaracolados, que ficavam rebeldes quando os deixava crescer. Fugira com a família para os Estados Unidos no começo dos anos 1990. Assim como Khaykin, estava sempre olhando de soslaio. Também era curioso, intrometido. Certa vez, nos tempos de escola, tinha suspeitado que vários colegas andavam vendendo números de cartão de crédito roubados. Investigou o caso até comprovar sua tese, e então ajudou a polícia a dismantelar a operação.

Khaykin e Ostrovskiy falavam um inglês com forte sotaque estrangeiro e salpicado de expressões de suas línguas maternas. “Krasavchik!”, dizia Khaykin. A palavra significava algo como “bonito”, mas na prática era usada para elogiar um talento, ou um trabalho bem-feito. Os dois trabalhavam no mundo da



vigilância e dos negócios escusos. Em 2011, Ostrovskiy tinha terminado um serviço de investigação e estava à espera de outro, quando resolveu dar uma busca por “detetives particulares russos” na internet e de cara mandou um e-mail para Khaykin, pedindo trabalho. Khaykin gostou da audácia de Ostrovskiy e passou a contratá-lo para bicos de vigilância. Mais tarde, tiveram uma discussão sobre os métodos de Khaykin e acabaram se distanciando.

Conforme os pratos de kebab chegavam, Khaykin contava quanto expandira os limites da operação desde a última vez que haviam trabalhado juntos. Um cliente novo e misterioso tinha entrado na jogada, uma empresa cujo nome ele não iria revelar e que agora contratava seus serviços de freelancer. Ele estava fazendo grandes negócios. “Ando trabalhando com uns troços maneiros”, disse. “Umas coisas da pesada.” Havia também adotado alguns métodos novos. Conseguia acessar dados bancários e relatórios de análise de crédito não autorizados. Sabia como obter os dados de geolocalização de um celular para rastrear alvos desavisados. Descreveu quanto custava a brincadeira do telefone: alguns milhares de dólares pelo método mais comum, com opções mais baratas para alvos ingênuos e mais caras para os que fossem mais precavidos. Khaykin disse que já usara essa tática com sucesso, num caso em que um sujeito o contratara para encontrar um parente.

Ostrovskiy achou que Khaykin estava exagerando. Mas ele precisava de trabalho. E Khaykin, por sua vez, precisava de mais mão de obra para servir a seu novo cliente misterioso.

Antes de se despedir, Ostrovskiy perguntou sobre o rastreamento telefônico. “Isso não é ilegal?”, questionou.

“Hã...”, disse Khaykin.

Perto deles, dependurado por um cordão numa parede de azulejos, um olho branco e azul daqueles que combatem mau-olhado observava tudo.



**Parte 1**  
**Vale do Veneno**

## 1. A gravação

“Como assim, não vai ao ar amanhã?” Minhas palavras flutuaram pela redação que se esvaziava, no quarto andar do 30 Rockefeller Plaza, no edifício da Comcast, outrora edifício da GE, e antes ainda edifício da RCA. Do outro lado da linha, Rich McHugh, meu produtor na NBC News, falava por cima de um som ambiente que parecia o bombardeio de Dresden mas que era apenas o som natural de uma casa com dois pares de criancinhas gêmeas. “Eles acabaram de ligar, eles... Não, Izzy, você tem que dividir ... Jackie, por favor, não morda ela... Papai está no telefone...”

“Mas essa é a matéria mais quente da série”, falei. “Talvez não seja a que funciona melhor na televisão, mas é a melhor *história* que descobrimos...”

“Disseram que a gente tem que mudar o dia. É *fakakt*”, ele disse, comendo a última sílaba. (McHugh tinha o hábito de tentar usar palavras em iídiche. Nunca dava certo.)

Pôr no ar uma série de matérias investigativas, uma após outra, como eu e McHugh estávamos prestes a fazer, requer certa coreografia. Todas as matérias eram longas, e cada uma consumia dias de trabalho nas salas de edição. Reagendar uma delas era um grande problema. “Mudar pra quando?”, perguntei.

Do outro lado da linha, um estrondo abafado e várias gargalhadas sucessivas. “Te ligo de volta”, ele disse.

McHugh era um veterano da TV, que já havia trabalhado na Fox, na MSNBC e, por quase uma década, no *Good Morning America*. Barrigudo, tinha cabelo ruivo, tez avermelhada, e costumava usar camisas xadrez. Tinha um jeito lacônico e sincero que conseguia passar por cima da tagarelice passivo-agressiva da burocracia corporativa. “Parece um fazendeiro”,

dissera o chefe da unidade investigativa que nos pusera para trabalhar juntos pela primeira vez. “Ele inclusive fala como um fazendeiro. Vocês dois não têm nada a ver.”

“Então pra que formar essa dupla?”, perguntei.

“Farão bem um pro outro”, ele respondeu, dando de ombros.

McHugh parecia cético. Eu não gostava muito de falar do meu histórico familiar, mas a maioria das pessoas o conhecia: minha mãe, Mia Farrow, era uma atriz; meu pai, Woody Allen, um diretor. Minha infância havia sido estampada nos tabloides quando ele foi acusado de abuso sexual por minha irmã de sete anos de idade, Dylan, e iniciou um relacionamento sexual com outra das minhas irmãs, Soon-Yi, com quem acabou se casando. Outras manchetes apareceram quando comecei a faculdade, ainda muito jovem, e quando fui para o Afeganistão e para o Paquistão como oficial júnior do Departamento de Estado. Em 2013, assinei um contrato de quatro anos com a NBCUniversal, como âncora de um programa que era transmitido na hora do almoço, no canal pago de notícias MSNBC, em seu primeiro ano de existência. Meu sonho era fazer um programa sério, baseado em fatos, e, no fim, fiquei orgulhoso por ter usado um horário esquisito em termos televisivos para exibir matérias investigativas. No começo o programa recebeu algumas críticas negativas, no fim algumas críticas positivas, mas a audiência baixa se manteve constante. Saiu do ar sem comoção, e anos depois conhecidos meio falastrões me abordavam nas festas para dizer que adoravam o programa e ainda assistiam a ele todos os dias. “Muito gentil da sua parte”, era minha resposta-padrão.

Depois, fui trabalhar como correspondente na área de jornalismo investigativo. Até onde Rich McHugh sabia, eu era um novato peso leve com nome famoso e à procura de algo para fazer, pois meu contrato tinha sido mais longo que o programa que me deram. Nesse ponto, eu deveria dizer que o ceticismo era mútuo, mas quero que todo mundo goste de mim.

Pegar a estrada com um produtor significa passar muito tempo junto com ele em voos e em carros alugados. Durante nossas primeiras gravações, o silêncio se abria feito um abismo



entre nós enquanto as muretas da estrada reluziam, ou então eu o preenchia falando demais sobre mim, o que provocava grunhidos ocasionais em resposta.

Mas nossa dupla estava começando a render boas matérias para a minha série investigativa exibida no *Today* e para o *Nightly News*, bem como um relutante respeito mútuo. McHugh era uma das pessoas mais espertas que conheci no meio jornalístico e um ótimo editor de roteiros. Além disso, nós dois adorávamos matérias difíceis.

Depois daquele telefonema de McHugh, dei uma passada de olhos nas chamadas que apareciam num dos televisores da redação e mandei uma mensagem de texto para ele. “Estão com medo de falar de violência sexual?” A matéria que pediram para reagendar era sobre casos de universidades que haviam cometido erros em investigações de violência sexual em seus campi. Tínhamos entrevistado tanto as vítimas como os supostos culpados, que às vezes apareciam aos prantos e às vezes tinham o rosto escondido na penumbra. Prevista para ser exibida às oito da manhã, a reportagem era do tipo que obrigaria Matt Lauer a franzir o cenho, expressar sua mais sincera preocupação e logo em seguida passar para o bloco sobre os cuidados de pele das celebridades.

McHugh me respondeu. “Sim. De tudo que envolve o Trump, e de violência sexual.”

Era um fim de tarde de domingo no começo de outubro de 2016. Na sexta-feira anterior, o *Washington Post* havia publicado um artigo com o recatado título: “Trump gravado em conversas extremamente obscenas sobre mulheres em 2005”.<sup>[1]</sup> Acompanhava a matéria um desses vídeos que classificaríamos como “impróprios para o local de trabalho”. Num monólogo capturado pelo programa de notícias de celebridades *Access Hollywood*, Donald Trump discursava sobre pegar “gatinhas pela xoxota”.<sup>[2]</sup> “Eu tentei mesmo comê-la. Ela era casada”, ele dizia. “Agora tem peito de silicone e tudo.”

O interlocutor de Trump era Billy Bush, apresentador do

*Access Hollywood*. Bush era um homem pequeno, de cabelo bonito. Bastava colocá-lo ao lado de uma celebridade para que começasse a jorrar aquela conversinha típica de tapete vermelho: pouco digna de nota, mas às vezes meio esquisita. “O que você acha da sua bunda?”, perguntou a Jennifer Lopez certa ocasião.<sup>[3]</sup> E quando ela, visivelmente desconfortável, replicou, “Você tá de brincadeira? Sério que me fez uma pergunta dessas?”, Bush disse, animado, “Fiz!”.

No vídeo em questão, enquanto Trump descrevia suas façanhas, Bush assentia com risinhos e comentários esganiçados, “Boa! O Donald se deu bem!”.

O *Access Hollywood* pertencia à NBCUniversal. Depois que o *Washington Post* deu esse furo na sexta-feira, veículos da NBC correram para levar ao ar suas versões. Ao veicular a gravação, o *Access* cortou algumas das falas mais picantes de Bush. Alguns críticos perguntaram quando os executivos da NBC tomaram conhecimento da gravação e se haviam deliberadamente escondido seu conteúdo.<sup>[4]</sup> Os relatos vazados apresentavam cronologias diferentes.<sup>[5]</sup> Em ligações feitas aos repórteres “nos bastidores”, executivos da NBC disseram que até aquele momento a matéria ainda não estava pronta, que ainda exigia análise jurídica. (Sobre uma dessas ligações, um redator do *Washington Post* comentou em tom mordaz, “O executivo não tinha conhecimento de nenhum problema jurídico específico que pudesse ser causado pela exibição de uma gravação feita onze anos antes e na qual um candidato a presidente parecia estar consciente de que estava sendo gravado por um programa de TV”.)<sup>[6]</sup> Dois advogados da NBCUniversal — Kim Harris e Susan Weiner — haviam analisado a gravação e assinado sua liberação, mas a NBC hesitou, e acabou perdendo uma das matérias políticas mais importantes de toda uma geração.

Havia outro problema: o *Today* acabara de incluir Billy Bush em seu elenco de apresentadores. Menos de dois meses antes, tinham exibido um vídeo intitulado “Conhecendo o Billy”, que chegava ao ponto de mostrá-lo depilando o peito com cera.<sup>[7]</sup>

McHugh e eu passamos semanas editando aquela série e



verificando todos os aspectos legais. Mas o impasse ficou óbvio assim que comecei a promovê-la nas redes sociais. “Venha ver o pedido de desculpas do #BillyBush, e em seguida veja #RonanFarrow explicando a ele por que é preciso pedir desculpas”, tuitou um telespectador.

“Óbvio que reagendaram a matéria sobre violência sexual”, disse a McHugh por mensagem de texto, uma hora depois. “O pedido de desculpas do Billy Bush pela conversa de pegar gatinhas pela xoxota deve acontecer a meio milímetro de distância do nosso horário de exibição.”

Billy Bush não se desculpou naquele dia. Na manhã seguinte, eu estava no estúdio 1A esperando para o caso de alguém me convocar e passando os olhos pelo meu roteiro quando Savannah Guthrie anunciou, “Enquanto o assunto não é analisado, a NBC News decidiu suspender Billy Bush, apresentador da terceira edição do *Today*, por sua participação na conversa com Donald Trump”.<sup>[8]</sup> Em seguida, a programação passou para assuntos culinários, risos patrocinados pela cafeína e para minha matéria sobre o abuso do remédio Adderall em universidades, que foi antecipada para substituir a de violência sexual.

Nos anos que antecederam o lançamento da gravação do *Access Hollywood*, assistimos ao ressurgimento de denúncias de agressão sexual contra o comediante Bill Cosby. Em julho de 2016, uma ex-âncora da Fox News, Gretchen Carlson, processou o chefe do canal, Roger Ailes, por assédio sexual.<sup>[9]</sup> Logo após a divulgação da gravação, mulheres de ao menos quinze cidades organizaram marchas para edifícios de Donald Trump, entoando palavras de ordem pela emancipação feminina e portando cartazes que buscavam se reapropriar da palavra “gatinha”:\* gatos uivando, em posição de ataque, adornados por legendas como “A GATINHA TE PEGA DE VOLTA”.<sup>[10]</sup> Quatro mulheres afirmaram publicamente que Trump passara a mão nelas ou as beijara sem consentimento, o que parecia de acordo com o que ele mesmo descreveu para Billy Bush como sendo seu comportamento de rotina. A campanha de Trump as chamou de



mentirosas. Uma hashtag, popularizada pela comentarista Liz Plank, pedia que as mulheres explicassem por que #MulheresNãoDenunciam.<sup>[11]</sup> “Uma advogada criminalista me disse que, só porque fiz uma cena de sexo num filme, jamais ganharia uma causa contra o chefe do estúdio”, tuitou a atriz Rose McGowan. “Porque essas coisas têm sido um segredo que todo mundo sabe em Hollywood e na imprensa mas sobre o qual ninguém fala. E porque eles me constrangeram enquanto adulavam meu estuprador”, acrescentou. “Está na hora de um pouco de honestidade nessa bosta de mundo.”<sup>[12]</sup>

## 2. Mordida

Desde que os primeiros estúdios se estabeleceram, poucos executivos de cinema foram tão dominantes — ou tão dominadores — quanto aquele a quem McGowan se referia. Harvey Weinstein ajudou a fundar as empresas de produção e distribuição Miramax e Weinstein Company, sendo um dos responsáveis pela reinvenção do modelo independente com filmes como *Sexo, mentiras e videotape*, *Pulp Fiction* e *Shakespeare apaixonado*.<sup>[13]</sup> Seus longas obtiveram mais de trezentas indicações ao Oscar e, nas cerimônias de premiação que acontecem todo ano, ele foi uma das personalidades que mais receberam agradecimentos na história do cinema, ficando algumas posições abaixo de Steven Spielberg e muitas acima de Deus.<sup>[14]</sup> Não à toa, Meryl Streep já fez uma brincadeira na qual se referia a Weinstein *como Deus*.

Weinstein é um sujeito corpulento de 1,80 m de altura. Seu rosto é assimétrico, com um olho menor que o outro e constantemente semicerrado. Usa camisetas largas demais e jeans folgados que lhe dão um aspecto inflado. Filho de um cortador de diamante, Weinstein foi criado no Queens. Quando adolescente, ele e o irmão mais novo, Bob, escaparam para ver *Os incompreendidos* num cinema de arte, achando que se tratasse de um “filme de sexo”.<sup>[15]</sup> Em vez disso, descobriram François Truffaut e um amor imediato por filmes cabeça. Weinstein foi estudar na Universidade Estadual de Nova York, em Buffalo, em parte porque a cidade tinha vários cinemas. Aos dezoito anos, ele e um amigo, Corky Burger, criaram uma coluna para um jornal estudantil, o *Spectrum*, introduzindo um personagem chamado Denny, o Malandro, que ameaçava as mulheres até que elas se submetessem a ele. “Denny, o Malandro, não aceitava não como

resposta”, dizia a coluna.<sup>[16]</sup> “Toda a sua abordagem empregava uma espécie de psicologia do comando, ou em termos leigos — ‘Escuta aqui, gatinha, eu devo ser o cara mais bonito e maneiro que você jamais conhecerá, e, se você se recusar a dançar comigo, provavelmente vou quebrar essa garrafa de Schmidt na sua cabeça’.”

Weinstein largou a faculdade para abrir a Harvey & Corky Productions com Burger e Bob. Era uma empresa especializada em produção de eventos musicais. Ele também adquiriu um cinema em Buffalo, onde começou a exhibir os filmes estrangeiros independentes que aprendera a amar. Um tempo depois, ele e o irmão deram início à Miramax, batizada em homenagem a seus pais, Miriam e Max, e passaram a adquirir pequenas produções estrangeiras. Weinstein se mostrou talentoso na arte de transformar filmes em grandes acontecimentos. Logo vieram os prêmios, como a inesperada Palma de Ouro, em Cannes, para *Sexo, mentiras e videotape*. No início dos anos 1990, a Disney adquiriu a Miramax, e Weinstein se tornou a galinha dos ovos de ouro — uma galinha bastante poedeira. Por uma década, lançou um sucesso atrás do outro. Nos anos 2000, a relação com a Disney estremeceu, e os irmãos rapidamente arrecadaram centenas de milhões de dólares para o financiamento de sua nova empresa, a Weinstein Company. Weinstein ainda não reconquistara toda a glória da Miramax, mas conseguiu faturar dois Oscars de Melhor Filme consecutivos, um por *O discurso do rei*, em 2010, outro por *O artista*, em 2011.<sup>[17]</sup> Ao longo de sua ascensão, casou-se com uma assistente, divorciou-se, e depois se casou com uma aspirante a atriz que tinha começado a escalar para pequenos papéis.

Weinstein era famoso por seu estilo agressivo, até mesmo ameaçador, de fazer negócios. Ele era deimático, capaz de crescer como um baiacu inflável para assustar os outros. Tinha o hábito de encarar rivais ou subordinados de perto, nariz contra nariz, com o rosto todo vermelho. “Eu estava sentada à minha mesa um dia e pensei que tínhamos sido atingidos por um terremoto”, disse Donna Gigliotti a um repórter certa vez. Ela



dividira um Oscar com Weinstein pela produção de *Shakespeare apaixonado*. “A parede simplesmente tremeu. Levantei e vi que ele tinha arremessado um cinzeiro de mármore nela.”<sup>[18]</sup> Também havia histórias — a maioria delas sussurradas de ouvido em ouvido — sobre um tipo mais sombrio de violência contra mulheres, e sobre os esforços para manter suas vítimas em silêncio. De tempos em tempos, um repórter ouvia os rumores e fuçava um pouco para ver se aquela fumaça levaria ao fogo.

Para Weinstein, os meses anteriores à eleição presidencial de 2016 não pareciam diferentes. Lá estava ele, numa recepção para William J. Bratton, ex-comissário de polícia da cidade de Nova York.<sup>[19]</sup> Lá estava ele, rindo com Jay-Z enquanto anunciava um contrato para cinema e televisão com o rapper.<sup>[20]</sup> E lá estava ele, estreitando seus laços de longa data com os políticos do Partido Democrata, para os quais havia muito servia como um grande angariador de recursos.

Desde o começo do ano, fazia parte do grupo de conselheiros em torno de Hillary Clinton. “Devo estar chovendo no molhado, mas isso aí precisa ser silenciado”, disse por e-mail à equipe de Clinton, referindo-se a mensagens da campanha concorrente de Bernie Sanders direcionadas a eleitores latinos e afro-americanos. “Este artigo tem tudo que eu te disse ontem”, dizia em outra mensagem, enviando uma coluna crítica a Sanders e pressionando por uma campanha negativa. “Prestes a encaminhar pro pessoal da criação. Rubei sua ideia”, respondeu o gerente de campanha de Clinton.<sup>[21]</sup> No fim daquele ano, Weinstein já havia angariado centenas de milhares de dólares para Clinton.<sup>[22]</sup>

Alguns dias após os tuítes de McGowan, em outubro daquele ano, Weinstein estava no St. James Theatre, em Nova York, num evento para angariação de fundos que ele havia coproduzido para Clinton e que chegou a adicionar 2 milhões de dólares aos cofres da campanha. Sentada sob uma luz lilás, a artista Sara Bareilles cantava, “Seu histórico de silêncio não vai te ajudar/ Você achou que ia?/ Deixe suas palavras serem

qualquer coisa, menos vazias/ Por que você não conta a verdade pra eles?”.<sup>[23]</sup> Parece escancarado demais para ser real, mas foi o que aconteceu.

Nos últimos anos, a influência de Weinstein diminuía um pouco, mas ainda era suficiente para garantir abraços públicos da elite. No outono, quando teve início a temporada de premiações, o crítico de cinema Stephen Galloway, da *Hollywood Reporter*, publicou um artigo intitulado “Harvey Weinstein, o Cara da Virada”, cujo subtítulo era “Não faltam razões para torcer por ele, especialmente agora”.<sup>[24]</sup>

Na mesma época, Weinstein enviou um e-mail para seus advogados, incluindo David Boies, um conhecido jurista que trabalhou para Al Gore na disputa presidencial de 2000 e defendeu o casamento homoafetivo perante a Suprema Corte dos EUA.<sup>[25]</sup> Boies representava Weinstein havia um bom tempo. Àquela altura, estava próximo dos oitenta anos, mas continuava em forma, e os vincos da idade lhe davam um ar amável e acessível. “A agência Black Cube, de Israel, me contatou por meio de Ehud Barak”, escreveu Weinstein. “Eles são estrategistas e disseram q a sua empresa já os contratou antes. Me manda um email qdo puder.”<sup>[26]</sup>

Barak fora primeiro-ministro de Israel e chefe do Estado-Maior do exército israelense. A Black Cube, empresa que ele recomendou a Weinstein, era operada por ex-oficiais do Mossad e de outras agências de inteligência israelenses. Tinha filiais em Tel Aviv, Londres e Paris e, segundo seu material de divulgação, contava com a habilidade de agentes “experientes, treinados nas unidades de inteligência militares e governamentais de elite de Israel”.<sup>[27]</sup>

Ainda naquele mês, a Black Cube e a firma de Boies assinaram um contrato sigiloso, e colegas do advogado transferiram 100 mil dólares por um período de trabalho inicial. Nos documentos que tratavam do serviço contratado, a identidade de Weinstein era em geral omitida. Ele aparecia como “o cliente final”, ou “sr. X”. Citar Weinstein nominalmente, escreveu um agente da Black



Cube, “o deixaria extremamente irritado”.

Weinstein parecia animado com o trabalho deles. Durante uma reunião, no fim de novembro, exigiu que a Black Cube seguisse adiante. Mais dinheiro foi transferido, e a agência deu início a operações agressivas, referidas como “fase 2A” e “fase 2B”.

Logo depois, um repórter chamado Ben Wallace recebeu uma chamada de um número desconhecido, com um código do Reino Unido. Wallace tinha quase cinquenta anos e usava óculos pequenos, de aspecto professoral. Anos antes, publicara um livro intitulado *O vinho mais caro da história*. Havia algum tempo, vinha escrevendo artigos para a *New York Magazine*, onde passara as semanas precedentes conversando sobre os rumores que circundavam Weinstein.

“Pode me chamar de Anna”, disse a voz do outro lado da linha, num sotaque europeu refinado. Depois de terminar a faculdade, Wallace havia morado na República Tcheca e na Hungria por alguns anos. Tinha um bom ouvido para sotaques, mas não conseguia saber ao certo de onde era aquele. Chutou que ela era alemã.

“Um amigo me passou seu número”, prosseguiu a mulher, informando que sabia que ele estava fazendo uma matéria sobre a indústria do entretenimento. Wallace ficou pensando que amigo poderia ter passado o número dele. Pouca gente sabia da sua matéria.

“Talvez eu tenha algo para te ajudar”, ela disse. Wallace então pediu mais informações, o que a deixou reticente. A informação era delicada, explicou a mulher. Ela precisava vê-lo. Ele hesitou por um momento, depois pensou: que mal teria? Ele estava à procura de um estímulo para engatar a matéria. Vai ver o estímulo era aquele.

Na manhã de segunda-feira, Wallace estava num café do SoHo tentando decifrar a mulher misteriosa. Ela parecia ter trinta e tantos anos, tinha longos cabelos loiros, olhos escuros, maçãs do rosto salientes e nariz aquilino. Usava All Star e joias



douradas. Anna disse que ainda não se sentia confortável o bastante para dizer seu nome verdadeiro. Assustada, travava uma batalha interna para saber se devia ou não trazer aquilo à tona. Wallace notara o mesmo comportamento quando conversava com outras fontes. Ele lhe disse que demorasse o tempo que precisasse.

Para o encontro seguinte, ela escolheu um bar de hotel no mesmo bairro. Quando Wallace chegou, sorriu para ele de um jeito convidativo. Sedutor, até. Já tinha pedido uma taça de vinho. “Eu não mordo”, ela disse, dando palmadinhas no assento a seu lado. “Senta aqui perto.” Wallace disse estar gripado e pediu um chá. Se iam trabalhar juntos, falou, então ele precisava saber um pouco mais. Nessa hora, Anna não aguentou, e seu rosto se contorceu de angústia. Quando começou a descrever suas experiências com Weinstein, parecia segurar as lágrimas. Era nítido que passara por alguma experiência íntima e perturbadora, mas parecia receosa de entrar em detalhes. Queria mais informações antes de responder às perguntas de Wallace. Queria saber por que ele aceitou aquela pauta e que tipo de impacto queria causar. Enquanto ele respondia, Anna se inclinou para a frente, visivelmente estendendo o pulso na direção dele.

Fazer aquela reportagem estava se tornando uma experiência pesada e estranha para Wallace. Havia muito ruído em torno do assunto e um interesse externo a que ele não estava acostumado. Até outros jornalistas o andavam procurando. Pouco depois daquele segundo café, Seth Freedman, um inglês que já tinha escrito para o *Guardian*, entrou em contato dando a entender que ouvira algo sobre a matéria em que Wallace estava trabalhando, e queria ajudar.

### 3. Lama

Na primeira semana de novembro de 2016, pouco antes da eleição, Dylan Howard, editor-chefe do *National Enquirer*, deu uma ordem incomum a um membro de sua equipe. “Preciso tirar tudo do cofre”, ele disse. “Depois a gente tem que pegar uma trituradora de papel lá embaixo.” Howard era do sudeste australiano. Tinha um tufo de cabelo ruivo que lembrava o de um bonequinho Troll, rosto redondo, e usava óculos de fundo de garrafa e gravatas berrantes. Naquele dia, parecia em pânico. O *Wall Street Journal* acabara de ligar para o *Enquirer* pedindo comentários sobre uma matéria que envolvia Howard e David Pecker, CEO da American Media Inc., empresa que controlava o *Enquirer*. A matéria alegava que a AMI havia aceitado um trabalho delicado a mando de Donald Trump, investigando uma pista com o objetivo de fazê-la sumir, e não de publicá-la.<sup>[28]</sup>

O funcionário abriu o cofre, tirou dali um pacote de documentos e tentou fechá-lo com uma batida forte. Tempos depois, repórteres falariam desse cofre como se fosse o depósito onde a Arca da Aliança foi guardada em *Indiana Jones*, mas, na verdade, era um cofre pequeno, velho e barato. Ficava num escritório que pertencera por anos ao ex-editor executivo do periódico, Barry Levine. Costumava emperrar.

Para que o cofre fechasse direito, o funcionário teve que fazer várias tentativas e uma videochamada pelo FaceTime pedindo ajuda à sua namorada. Mais tarde naquele dia, segundo outro funcionário, uma equipe de limpeza recolheu e levou embora um volume de lixo maior que o habitual. No bolo, foram triturados vários documentos do *Enquirer* e um documento relacionado a Trump.

Em junho de 2016, Howard compilara uma lista de



informações comprometedoras sobre Trump que remontavam a décadas, acumuladas nos arquivos da AMI. Após a eleição, o advogado de Trump, Michael Cohen, solicitou ao império de tabloides que entregasse tudo que tivesse sobre o novo presidente. Houve um debate interno: alguns começavam a perceber que entregar o material criaria um rastro de provas documentais legalmente problemático, por isso resistiram. No entanto, Howard e a equipe sênior ordenaram que o material jornalístico que ainda não estivesse no cofre pequeno fosse exumado de depósitos de armazenamento na Flórida e enviado à sede da AMI. Assim que o material chegou, foi guardado no cofre pequeno. Depois, quando as relações entre Trump e o periódico passaram a gerar muita polêmica, esses documentos foram parar num cofre maior, no escritório do chefe de recursos humanos, Daniel Rotstein. (Surpreendentemente, o RH da firma que controla o *Enquirer* não fica num bar de striptease, brincou uma pessoa que conhece bem a empresa.) Só mais tarde — quando um daqueles funcionários que ficaram de pé atrás começou a se irritar e decidiu averiguar — descobriram que havia algo errado: a lista de informações comprometedoras a respeito de Trump não coincidia com os arquivos físicos. Alguns materiais tinham desaparecido. Howard jurou aos colegas que nada fora destruído, afirmação que ele mantém até hoje.

Por um lado, destruir documentos correspondia ao nível geral de condutas impróprias que, durante anos, definiu o *Enquirer* e sua controladora. “Estamos sempre oscilando nos limites da lei”, me disse um funcionário sênior da AMI. “É emocionante.” Obter registros médicos de forma ilícita era uma operação-padrão.<sup>[29]</sup> Nos hospitais maiores, o *Enquirer* mantinha infiltrados. Um deles, que surrupiou os registros de Britney Spears, Farrah Fawcett e de outros famosos do UCLA Medical Center, acabou se declarando culpado de uma acusação criminal.

A AMI frequentemente fazia o que vários de seus funcionários definiram como “chantagem”: em troca de dicas ou entrevistas exclusivas, barrava a publicação de informações que podiam prejudicar determinadas pessoas. E os funcionários sussurravam

entre si sobre aspectos ainda mais sombrios da AMI, incluindo uma rede de freelancers que às vezes eram pagos de maneiras escusas para driblar investigações, e que às vezes recorriam a táticas físicas e intrusivas.

Por outro lado, parecia que algo novo acontecia nos escritórios da AMI, no distrito financeiro de Manhattan. Pecker conhecia Donald Trump havia décadas. Quando, após as eleições, um repórter lhe disse que criticar Trump não era o mesmo que criticar a AMI, Pecker respondeu, “Pra mim é, sim. O cara é meu amigo pessoal”.<sup>[30]</sup> Ao longo dos anos, os dois tinham desfrutado de uma aliança mutuamente benéfica. Pecker, um ex-contador do Bronx, grisalho e de bigode grosso, ganhou de Trump a proximidade com o poder e várias outras pequenas benesses. “Pecker chegou a voar em seu jatinho particular”, disse Maxine Page, que trabalhou na AMI intermitentemente entre 2002 e 2012, chegando a ser editora executiva de um dos sites da empresa. Howard recebeu também favores de Trump. Na véspera da posse, em 2017, ele mandou mensagens animadas a amigos e colegas, com fotos que mostravam seu acesso às comemorações da vitória.

Mas o relacionamento foi ainda mais vantajoso para Trump. Nos 28 anos em que trabalhou no *Enquirer*, o ex-editor Jerry George estima que Pecker tenha barrado cerca de dez matérias prontas e com investigações completas sobre Trump, além de encerrar a apuração de um número ainda maior de pistas que começavam a ser investigadas.<sup>[31]</sup>

Enquanto Trump preparava sua campanha presidencial, a aliança parecia mudar de forma e se tornar mais profunda. De repente, o *Enquirer* passou a declarar apoio formal ao candidato. Tanto ele como outros veículos da AMI começaram a estampar chamadas bajuladoras em suas capas. “NÃO MEXA COM DONALD TRUMP!”, dizia uma edição do *Globe*. “COMO TRUMP VAI GANHAR!”, acrescentava o *Enquirer*. Quando o tabloide resolveu escancarar “Os segredos escusos dos candidatos!”, a maior revelação sobre Trump era a de que ele tinha “mais apoio e popularidade do que confessava ter!”.<sup>[32]</sup> Capas escandalosas



sobre a suposta traição de Hillary Clinton e sua saúde debilitada se tornaram frequentes. “EXPUSEMOS OS ARQUIVOS PSIQUIÁTRICOS SECRETOS DA ‘SOCIOPATA’ HILLARY CLINTON!”, diziam, aos uivos. “HILLARY: CORRUPTA! RACISTA! CRIMINOSA!” Os pontos de exclamação faziam as manchetes parecer títulos de musicais de segunda. Uma das narrativas favoritas era aquela sobre a morte iminente de Clinton. (Por milagre, a candidata contrariou os prognósticos do tabloide e se manteve ativamente moribunda durante toda a campanha.) Pouco antes do dia da votação, Howard mandou alguns colegas de trabalho fazerem uma pilha de capas como aquelas para que Pecker as desse de presente a Trump.

Durante a campanha, aliados de Trump — incluindo Michael Cohen — costumavam ligar para Pecker e Howard. O consultor político Roger Stone, também da turma de Trump, plantou uma teoria da conspiração sem pé nem cabeça que associava o pai de Ted Cruz — um dos adversários de Trump nas primárias republicanas — ao assassinato de JFK. Essa história rendeu uma série de capas atacando Cruz. Howard chegou a entrar em contato com Alex Jones, um radialista completamente ensandecido cujas teorias da conspiração ajudaram a impulsionar a candidatura de Trump.<sup>[33]</sup> Tempos depois, participou do programa de Jones. Vez ou outra, funcionários da AMI recebiam ordens para não apenas descartar pistas investigativas pouco lisonjeiras sobre o candidato apoiado pelo periódico, mas também para buscar certas informações com o mero intuito de enterrá-las bem fundo nos cofres da empresa. “Isso não faz nenhum sentido”, me disse um deles. “Isso aqui virou o *Pravda*.”

O pacto com Trump não foi a única aliança cultivada por Howard e Pecker. Em 2015, a AMI fechou um acordo de produção com Harvey Weinstein.<sup>[34]</sup> Em tese, o contrato ajudava a AMI a transformar o site Radar Online num programa de televisão numa época em que as tiragens da empresa sofriam uma queda. Mas as coisas não se encerravam aí. A partir daquele ano,

Howard e Weinstein se tornaram próximos. Posteriormente, quando uma modelo foi à polícia alegando ter sido apalpada por Weinstein, Howard mandou sua equipe parar de noticiar o assunto. Depois, pensou em comprar os direitos sobre a história da modelo, em troca de um acordo de confidencialidade assinado por ela. Quando a atriz Ashley Judd disse ter sofrido assédio sexual por parte de um diretor de estúdio, chegando muito perto de apontar o nome de Weinstein, repórteres da AMI receberam ordens para caçar os podres dela e de sua passagem por uma clínica de reabilitação.<sup>[35]</sup> Quando a denúncia de McGowan veio à tona, um colega de Howard lembra de tê-lo ouvido dizer, “Quero lama em cima dessa desgraçada”.

No fim de 2016, os vínculos se estreitaram ainda mais. Num e-mail para Weinstein, Howard se inflava de orgulho ao encaminhar a mais recente obra de um dos freelancers da AMI: uma gravação às escondidas em que uma mulher era induzida a fazer declarações que podiam prejudicar McGowan. “Tenho algo INCRÍVEL aqui”, escreveu Howard. A mulher havia “ferrado bonito com Rose”.

“Isso é sensacional”, respondeu Weinstein. “Especialmente se ninguém souber que eu estive envolvido.”

“Ninguém vai saber”, escreveu Howard. “E, cá pra nós, a conversa está GRAVADA.”<sup>[36]</sup> Em outro e-mail, Howard enviava uma lista com outros contatos que seriam alvejados de forma semelhante. “Vamos discutir os próximos passos em relação a cada um deles”, escreveu.

O *National Enquirer* era o esgoto dos tabloides, o lugar para onde o chorume das fofocas americanas acabava escoando. As histórias que eram abandonadas ou enterradas com sucesso a mando de amigos influentes da AMI vinham morrer nos arquivos do *Enquirer*, que alguns funcionários chamavam de “arquivos mortais”. Enquanto sua colaboração com Weinstein se aprofundava, Howard havia explorado esse repositório histórico. Alguns colegas recordam que, naquele outono, ele solicitou a busca de um arquivo específico relacionado a um certo âncora televisivo.



## 4. Botão

Matt Lauer costuma sentar cruzando as pernas de um jeito peculiar: joelho direito sobre o esquerdo, levemente inclinado para a frente, de modo que a mão direita alcance a parte superior da mesma canela. Mesmo em conversas casuais, ele dá a impressão de que pode cortar para os comerciais a qualquer momento. Certa vez, tentei imitar, no ar, essa pose relaxada porém elegante. Tudo que consegui foi parecer um neófito em sua primeira aula de ioga.

Era dezembro de 2016, e estávamos no escritório de Lauer, no terceiro andar do 30 Rockefeller Plaza. Ele estava sentado atrás de sua mesa de tampo de vidro. Eu estava no sofá, do lado oposto. Um monte de Emmys enchiam as prateleiras e os aparadores. Lauer tinha começado na TV local da Virgínia Ocidental, e foi subindo na carreira até se tornar uma das figuras mais importantes e populares da TV aberta, posição que ocupa até hoje.<sup>[37]</sup> A NBC lhe pagava mais de 20 milhões de dólares por ano, e o levava para lá e para cá de helicóptero até sua casa, nos Hamptons.<sup>[38]</sup>

“É muito boa”, disse Lauer sobre a matéria mais recente da minha série investigativa. O cabelo dele era bem curto, cortado à máquina, e lhe caía bem. A barba era grisalha e cheia de tufinhos, o que já não lhe caía tão bem assim. “Aquela usina nuclear que vazou, onde fica mesmo?”

“Em Washington”, falei.

“Washington. Isso mesmo. E aquele cara do governo suando de nervoso.” Ele balançou a cabeça e deu uma risada.

A matéria era sobre a usina nuclear de Hanford, onde o governo dos Estados Unidos havia enterrado o equivalente a várias piscinas olímpicas de resíduos nucleares do Projeto

Manhattan. Esses resíduos estavam contaminando os trabalhadores de lá, por via aérea, numa frequência alarmante.

“É disso que a gente precisa no programa”, ele disse. Já tínhamos conversado muito sobre seu amor pelo jornalismo investigativo sério. “Cai bem no estúdio. E dá audiência”, prosseguiu. “O que você anda fazendo?”

Olhei para o maço de papéis que trazia comigo. “Tem essa matéria sobre os produtos químicos que a Dow e a Shell espalham em fazendas da Califórnia.” Lauer balançou a cabeça, em sinal de aprovação. Colocou um par de óculos com aro de tartaruga e se voltou para o computador. Enquanto rolava a tela para baixo, o reflexo dos e-mails surgia em suas lentes. “Tenho uma série de reportagens sobre vício em drogas, outra sobre melhoras na segurança de caminhões que foram bloqueadas por lobistas”, prossegui. “E uma sobre assédio sexual em Hollywood.”

Os olhos dele me fitaram de relance. Eu não sabia qual das pautas despertara sua atenção.

“É parte de uma série sobre assuntos de Hollywood que não recebem a devida atenção”, expliquei. “Pedofilia, racismo, assédio...”

Lauer vestia um terno cinza quadriculado bem justo e uma gravata azul-marinho listrada. Alisou a gravata por um instante, em seguida voltou a prestar atenção em mim. “Parecem sensacionais.” Ele me encarava com olhos de quem avalia. “Onde você se vê daqui a alguns anos?”, perguntou.

Fazia quase dois anos que a MSNBC havia matado meu programa de TV a cabo. “Ronan Farrow, da bancada dos âncoras para a baía”, dizia uma chamada recente da coluna social “Page Six”.<sup>[39]</sup> Acontece que a minha mesa aparecia no plano de fundo dos noticiários diurnos da MSNBC. Quando Tamron Hall ia ao ar, lá estava eu, digitando e falando no telefone, logo atrás de Ali Velshi. Tinha orgulho do trabalho que estava fazendo para o *Today*, mas ainda não havia encontrado meu nicho. Considerei todas as opções, até o rádio. Naquele outono, tive um encontro na Sirius XM Satellite Radio. A vice-presidente, Melissa Lonner,



tinha trabalhado no *Today* alguns anos antes. Querendo soar otimista, eu disse a ela que o *Today* era uma plataforma melhor do que a TV a cabo para se fazer jornalismo investigativo. “Sim”, disse Lonner, com um sorriso amarelo no rosto. “Adorei trabalhar lá.” Mas a verdade é que meu futuro continuava incerto, e significava muito para mim que Lauer me cedesse alguns minutos de seu tempo.

Refleti um pouco sobre a pergunta dele e disse, “Quero voltar a ser âncora em algum momento”.

“Sei, sei”, ele disse. “Isso é o que você *acha* que quer.” Tentei falar, mas ele me interrompeu. “Você está em busca de algo.” Tirou os óculos e os examinou por um instante. “Talvez você encontre esse algo. Mas vai ter que descobrir sozinho o que é, com o que realmente se importa.” Sorriu. “Animado para a semana que vem?”

Eu iria substituí-lo durante o recesso de Natal, quando ele e os demais âncoras saíssem de férias.

“Sim!”, falei.

“Não se esqueça, você é o novato do set. Interação é tudo. Escreva suas tags para o Orange Room jogando iscas para puxar conversa.” O Orange Room era a parte do *Today* na qual, sabe-se lá por quê, mostrávamos posts do Facebook. “Deixe os roteiros mais pessoais. Se quisesse interagir comigo, por exemplo, um jeito bom seria mencionar meus filhos. Esse tipo de coisa.” Fiz algumas anotações, agradei e me dirigi à saída.

Quando cheguei à porta, ele me disse, num tom irônico, “Não nos desaponte. Vou assistir”.

“Quer que eu feche a porta?”, perguntei.

“Deixa comigo”, ele respondeu. Em seguida, apertou um botão na mesa e a porta se fechou sozinha.

Pouco depois dessa conversa, enviei uma cópia de *O cérebro adolescente: Guia de sobrevivência para criar adolescentes e jovens adultos* à casa de Lauer nos Hamptons. Segui seu conselho à risca quando fui ao ar. Fiquei na praça externa do *Today*, espalhando alegria natalina num frio de fazer a respiração formar nuvens de

vapor. Sentei no sofá em semicírculo do estúdio 1A junto com os demais substitutos para gravar vinhetas de abertura e encerramento. Agarrei minha canela, mas não fiquei nem um pouco parecido com Matt Lauer.

Uma manhã, encerramos o programa com uma compilação de cenas de bastidores e erros de gravação do ano anterior. Todos já tinham visto o vídeo duas vezes: na primeira exibição e na festa ecumênica de fim de ano do programa. Quando as luzes do estúdio se apagaram e o vídeo começou a ser exibido, a maior parte da equipe se mandou ou ficou olhando o celular. Uma única funcionária sênior do *Today* permaneceu de frente para o monitor, hipnotizada. Era uma das pessoas mais trabalhadoras que conheci no mundo da televisão. Iniciou a carreira nos noticiários locais e galgou espaço até chegar onde estava naquele dia.

“Eu não te invejo”, eu disse. “Ter que ver isso várias vezes.”

“Não”, ela disse, os olhos ainda grudados na tela. “Eu amo isso aqui. É o emprego com que sempre sonhei.” Fiquei surpreso ao notar que havia lágrimas em seus olhos.

Algumas semanas depois da minha conversa com Matt Lauer, sentei frente a frente com Noah Oppenheim, executivo encarregado do *Today*. Estávamos num dos cantos do conjunto de escritórios executivos da NBC News. De sua sala se via o Rockefeller Plaza, mas, naquele dia, a névoa e a garoa encobriam tudo. A meu lado estavam McHugh e Jack Levin, o produtor sênior encarregado da nossa minissérie investigativa em gestação: aquela sobre a qual eu havia falado com Lauer, a respeito de Hollywood. “O que vocês têm pra mostrar?”, perguntou Oppenheim, reclinando-se no sofá. Comecei a atualizá-lo.

Assim como Lauer, Oppenheim era a favor do jornalismo sério. Quando foi escolhido para supervisionar o *Today*, veio me procurar antes de ele próprio ter uma mesa de trabalho e me disse para tratar apenas com ele, não com outros executivos do programa. Ele me deu mais espaço no *Today* e aprovava meus



pedidos de investigação jornalística, que iam ficando cada vez mais ambiciosos. Quando o *Ronan Farrow Diário* se tornou um *Ronan Farrow de Vez em Quando*, foi Oppenheim quem deu um jeito para que eu me mantivesse no canal e continuasse minha série jornalística no *Today*. Ele tinha quase quarenta anos, uma aparência amistosa e meio jovial, e uma linguagem corporal que transmitia um eterno desleixo, como se estivesse sempre esperando que você se movimentasse, e não ele. Tinha algo que eu invejava, por não possuir: era descontraído, relaxado, agradável. Um maconheiro de olhos grandes e inocentes, tão doces que nada conseguiria endurecê-los. Contava histórias sobre ficar chapado e pedir um menu inteiro de comida tailandesa no delivery. A gente ria bastante desses casos, e planejamos marcar uma noite para ficar em casa enchendo a cara de quitutes de maconha.

Oppenheim era inteligente e tinha um pedigree de Ivy League. Logo no início da campanha presidencial de 2000, o apresentador da MSNBC, Chris Matthews, e seu produtor executivo, Phil Griffin, que depois veio a ser chefe do canal, toparam com uma tempestade de neve quando voltavam de New Hampshire para Nova York. Tiveram que parar em Harvard. Na mesma noite, Griffin e um colega conheceram Oppenheim, que estava terminando a faculdade, escrevia para o *Harvard Crimson* e, naquele momento, encontrava-se bêbado num canto. Eles acabaram levando o bêbado para o mundo da TV. “Eles pararam na Harvard Square e puxaram conversa com umas garotas num bar”, disse Oppenheim a um repórter, anos após o episódio.<sup>[40]</sup> “Daí foram a uma festa na sede do jornal com essas meninas. Tarde da noite, pegaram um artigo que escrevi sobre a campanha presidencial e leram.”

Esse encontro ao acaso fez Oppenheim passar de articulista conservador a produtor na MSNBC, depois a produtor sênior do *Today*. Mas suas ambições sempre foram maiores. Ele é coautor de uma série de livros de autoajuda intitulada *O livro do sabedoria* (“Impressione seus amigos explicando a alegoria da caverna de Platão. Nos eventos, tempere seu papo com termos tirados da

ópera”, dizia a sobrecapa), e se vangloriava de que Steven Spielberg tinha dado seus livros de presente de fim de ano.<sup>[41]</sup> “Já posso morrer feliz.” Em 2008, deixou o canal e se mudou com a família para Santa Mônica, em busca de uma carreira em Hollywood. “O jornalismo foi uma experiência incrível quando eu estava na casa dos vinte, mas sempre amei a indústria cinematográfica, além dos filmes em si e da dramaturgia”, ele disse. Oppenheim passou um tempo no império televisivo da herdeira da mídia Elisabeth Murdoch, e logo em seguida virou roteirista. “Eu fiz essas coisas de reality show. Depois fiquei impaciente ao ver que aquilo ainda não estava me levando ao meu verdadeiro amor, que é o drama roteirizado.”<sup>[42]</sup>

Oppenheim teve uma ascensão mágica em cada uma de suas carreiras. No cinema, enviou seu primeiro roteiro, *Jackie* — um filme melancólico e biográfico sobre os dias entre o assassinato de Kennedy e seu funeral —, para um ex-colega de Harvard que agora era executivo de estúdio. “Menos de uma semana depois, eu estava nos estúdios da Universal, falando com Steven Spielberg no escritório dele”, lembrou mais tarde.<sup>[43]</sup> O filme consistia em longos planos nos quais a mulher do título andava por aí com o rímel borrado de tanto chorar, e foi bem recebido pelos críticos. Mas creio que não tenha sido tão bem recebido pelo público. “Que filme que ele fez mesmo?”, perguntou McHugh, a caminho da reunião.

“*Jackie.*”

“Ai.”

Oppenheim também ajudou a escrever uma adaptação da aventura pós-apocalíptica *Maze Runner*, que deu muito dinheiro, e uma sequência da série *Divergente*, que não deu.

Os anos entre a saída de Oppenheim do Rockefeller Plaza e seu retorno foram difíceis para o *Today*. Amada pelo público e odiada por Matt Lauer, a âncora Ann Curry havia sido demitida. O concorrente, *Good Morning America*, passou a ter mais audiência. Os riscos para a NBC eram grandes: o *Today* rendia meio bilhão de dólares por ano em receitas de publicidade. Em 2015, a NBC trouxe Oppenheim de volta ao *Today* para tentar



uma operação de resgate.

Em junho de 2016, Oppenheim me autorizou a fazer uma série de reportagens que batizei com um título um tanto quanto espalhafatoso, típico dos jornais matutinos: *O lado sombrio de Hollywood?*. Mas foi bem mais difícil conseguir aval em certos temas específicos. A primeira sugestão que enviei para a chefia falava de denúncias de conduta sexual inapropriada contra menores de idade, incluindo denúncias contra o diretor Bryan Singer, que acabaram sendo publicadas na *Atlantic* e que ele nega há muito tempo.<sup>[44]</sup> Também havia denúncias de pedofilia feitas pelo ator Corey Feldman, com quem tínhamos uma entrevista garantida. O chefe de produção do *Today*, Matt Zimmerman, costurou um acordo com ele. Primeiro, o ex-astro mirim cantaria uma música. Depois, permaneceria no palco para responder às minhas perguntas. Mas Zimmerman me ligou mais tarde dizendo que Oppenheim tinha achado aquela coisa de pedofilia “pesada demais”, e abortamos o plano.

As pautas que propus como substitutas também encontraram seus próprios entraves. Uma delas tratava de celebridades que faziam shows para ditadores, pegando o gancho da apresentação que Jennifer Lopez fizera para Gurbanguly Berdimuhamedow, líder totalitário do Turcomenistão, por um cachê de sete dígitos. O produtor sênior, Levin, virou para mim e para McHugh dizendo que aquela seria impossível por conta do relacionamento de Lopez com o canal. Ninguém quis nem ouvir falar da minha pauta sobre discriminação racial em Hollywood. Oppenheim derrubou a ideia dando risada. “Olha, eu também sou ‘desconstruído’ ou sei lá o quê. Só acho que nosso público não quer ver o Will Smith falando do quanto a vida dele é difícil.”

A TV aberta é um meio comercial. É comum haver conversas sobre quão palatável é uma matéria. Mas temos que escolher nossas brigas, e nenhuma dessas brigas valia a pena. Deixamos a série de Hollywood de lado por alguns meses, trazendo o assunto de volta no fim do ano, com a proposta de exibi-la

durante a temporada do Oscar, no começo do ano seguinte.

Reunidos no escritório de Oppenheim, em janeiro daquele ano, pensamos em mais temas para o programa, incluindo uma pauta sobre cirurgia plástica. Então voltei a falar de uma proposta antiga e que até ali parecia ter resistido às conversas: uma matéria sobre o “teste do sofá” em Hollywood. Sobre artistas que eram assediados ou convidados a fazer sexo em troca de papéis no cinema. “Temos progredido bastante nessa pauta”, contei. Eu já tinha começado a conversar com atrizes que diziam ter o que contar.

“Você devia falar com Rose McGowan. Ela tuitou algo sobre um diretor de estúdio”, disse Oppenheim.

“Não tinha visto isso”, respondi. Peguei o celular e abri um artigo da *Variety*. Os tuítes da atriz deslizaram pela tela. “Talvez ela tope falar”, acrescentei. “Vou averiguar.”

Oppenheim deu de ombros, mas parecia esperançoso.

## 5. Kandahar

Passados alguns dias, Harvey Weinstein estava em Los Angeles, num encontro com agentes da Black Cube. Eles relataram que vinham progredindo em seu cerco aos alvos que tinham combinado.<sup>[45]</sup> Os advogados de Weinstein logo cobriram o último pagamento, referente à fase 2A, mas estavam enrolando com a fatura da fase 2B havia mais de um mês.<sup>[46]</sup> Foram necessárias muitas negociações complicadas até que o pagamento seguinte fosse feito e a etapa subsequente — mais intensa e arriscada — se iniciasse.

Nossa atividade jornalística na NBC também se intensificava. A série sobre Hollywood ganhou forma no decorrer de janeiro. Comecei a revisar uma matéria sobre campanhas de premiação manipuladas, outra sobre práticas de contratação sexistas por detrás das câmeras e uma terceira sobre a influência chinesa nos blockbusters americanos. (Os vilões em *Amanhecer violento* viraram norte-coreanos na pós-produção; médicos salvaram o Homem de Ferro em Beijing enquanto saboreavam um leite da marca Yili.)

A matéria do assédio sexual tinha uma agenda complicada. Toda hora uma atriz dava para trás, geralmente depois de um assessor de comunicação famoso se envolver no assunto. “Não queremos falar disso”, era o que eu mais ouvia. Mas minha insistência estava me levando a algum lugar, e o nome de Harvey Weinstein continuava aparecendo em nossa investigação.

Uma produtora, Dede Nickerson, foi ao 30 Rock dar uma entrevista na matéria sobre a China. Nos sentamos numa dessas salas de conferência banais que você já deve ter visto uma centena de vezes em programas como *Dateline*, decorada com vasinhos de planta e luzes coloridas. Logo após a entrevista,



McHugh e o resto da equipe ainda guardavam nossos equipamentos quando Nickerson se dirigiu a passos largos para o elevador mais próximo. Fui atrás dela.

“Preciso te perguntar mais uma coisa”, disse, assim que a alcancei. “Estamos com uma pauta sobre assédio sexual na indústria cinematográfica. Você trabalhou para Harvey Weinstein, não foi?”

O sorriso de Nickerson murchou.

“Sinto muito”, respondeu. “Não posso ajudá-lo.”

Já havíamos chegado ao elevador.

“Claro, tudo bem. Se souber de alguém com quem eu possa falar...”

“Tenho que pegar um voo agora”, ela disse. Ao entrar no elevador, parou um segundo e acrescentou, “Só... toma cuidado”.

Alguns dias depois, eu estava numa das baias de vidro que usamos para dar telefonemas reservados no canto da redação. Curvado sobre a mesa, tentava falar com Rose McGowan, com quem tinha feito contato via Twitter. Nos encontramos uma vez, em 2010, quando eu trabalhava no Departamento de Estado. Uns funcionários do Pentágono me contaram que ela estava de visita e me convidaram para almoçar com eles, como se estivessem à procura de um intérprete que falasse “hollywoodês” fluente. Haviam se conhecido recentemente, numa turnê da United Service Organizations, a USO. Nas fotos, ela aparecia no Kandahar Air Field e em Cabul, trajando blusinhas curtas e jeans apertados, seus longos cabelos ao vento. [47] “Eu parecia uma gostosona daquelas de montagem”, comentou posteriormente.[48] McGowan era uma daquelas figuras que enchiam as telas de carisma. No começo da carreira, ela conseguiu imprimir sagacidade e um senso de humor ácido a uma série de papéis — *Geração maldita*, *Um crime entre amigas*, *Pânico* — que fizeram dela uma queridinha do cinema independente. Mas, nos últimos anos, a quantidade de papéis minguara, assim como a qualidade dos que ainda apareciam.

Quando nos conhecemos, seu último filme havia sido *Planeta Terror*, uma homenagem aos filmes B dirigida por seu então namorado, Robert Rodriguez. No filme, ela interpretava uma stripper chamada Cherry Darling, que tinha uma metralhadora no lugar de uma das pernas.

McGowan e eu nos demos bem naquele almoço, em 2010. Ela lançava citações de *O âncora*, e eu respondia com outras falas do filme. Sabia que eu tinha crescido numa família hollywoodiana, e falou sobre o ofício do ator — sobre os papéis divertidos e sobre os sexistas ou apelativos, que eram a maioria. Deixou claro que estava ficando cansada desse mundo e de sua visão limitada e opressiva a respeito das mulheres. No dia seguinte, me enviou um e-mail, “Para o que der e vier de agora em diante, estarei disponível. Por favor, não pense duas vezes antes de pedir”.

Em 2017, liguei para McGowan da redação. Seu jeitinho de quem veio da contracultura ainda era perceptível. Ela me contou que Roy Price, diretor do novo estúdio de cinema e televisão da Amazon, tinha aprovado uma série surrealista que ela estava escrevendo, sobre um culto. Previa uma batalha contra as estruturas de poder patriarcal, em Hollywood e além de Hollywood. “Ninguém explicou ainda o que a derrota da Hillary significa para as mulheres”, ela disse. “A guerra contra as mulheres é real. Isso aqui é o marco zero.” Então falou — sem medo e de modo muito mais detalhado do que em seus tuítes — sobre a história de ter sido estuprada por Weinstein.

“Vocêalaria o nome dele diante das câmeras?”, perguntei.

“Tenho que pensar primeiro”, respondeu. Ela estava escrevendo um livro, ainda sem saber ao certo o que revelaria em suas páginas. Mas também considerava a possibilidade de contar aquela história antes do livro.

McGowan disse que a mídia a tinha rejeitado, e que ela também tinha rejeitado a mídia.

“Então por que está falando comigo?”, perguntei.

“Porque você também viveu essas coisas”, respondeu. “Eu li o que você escreveu.”



Cerca de um ano antes, a *Hollywood Reporter* havia publicado um perfil elogioso do meu pai, Woody Allen, que trazia apenas uma rápida menção às acusações de abuso sexual feitas por minha irmã Dylan. A revista sofreu fortes críticas pelo artigo, e Janice Min, editora da *Hollywood Reporter*, decidiu confrontá-las abertamente, me chamando para escrever sobre aquela reação negativa e ponderar seus méritos.

A verdade é que passei a maior parte da vida fugindo dessa acusação feita por minha irmã. E não apenas em público. Não queria ser definido pela identidade de meus pais, nem pelos piores anos da vida da minha mãe, da vida da minha irmã, da minha infância. Mia Farrow é uma das grandes atrizes de sua geração e uma mãe maravilhosa que se sacrificou bastante pelos filhos. E, ainda assim, grande parte de seu talento e de sua reputação foi consumida pelos homens que entraram na vida dela. O que tirei dessa experiência foi uma vontade de me virar sozinho e de ser conhecido sobretudo pelo meu trabalho, fosse qual fosse. As coisas que aconteceram na minha casa, na minha infância, ficaram preservadas em âmbar, na cobertura de antigos tabloides e em dúvidas permanentes — não resolvidas, irresolvíveis.

Foi então que decidi entrevistar minha irmã pela primeira vez sobre o que acontecera, com todos os detalhes. Também me debrucei sobre os documentos do julgamento e quaisquer outros que pude encontrar. Segundo o testemunho de Dylan aos sete anos de idade, e que ela repetiria com exatidão a vida inteira, Allen a levou a uma espécie de porão que havia em nossa casa em Connecticut e a penetrou com o dedo. Ela já tinha reclamado a um psicólogo dos toques inapropriados de Allen. (O psicólogo, que era contratado por Allen, só revelou essas queixas posteriormente, sob testemunho.) Uma babá viu Allen com a cabeça recostada no colo de Dylan momentos antes da suposta violação. Quando um pediatra finalmente o denunciou às autoridades, Allen arregimentou um grupo de ao menos dez detetives particulares, segundo estimativa de um de seus advogados. Os detetives eram terceirizados e foram contratados



por meio de uma rede de advogados.<sup>[49]</sup> Eles rastreavam policiais, procurando indícios de problemas com bebida ou jogo. Posteriormente, um procurador de Connecticut chamado Frank Maco descreveria aquilo como uma “campanha feita para atrapalhar os investigadores”. Seus colegas de trabalho disseram que ele ficara muito abalado. Maco desistiu de indiciar Allen criminalmente e atribuiu tal decisão a um desejo de poupar Dylan do trauma do julgamento, mas fez questão de afirmar que havia encontrado “indícios suficientes” para dar seguimento ao processo.

Eu disse a Min que escreveria um artigo de opinião. Em momento algum do texto aleguei ser um árbitro imparcial da história de minha irmã: eu a amo e a apoio. Mas argumentei que sua denúncia se encaixava perfeitamente no rol de alegações de abuso perfeitamente possíveis de serem verdade mas que quase sempre eram ignoradas pelas empresas de Hollywood e pelos grandes veículos de notícias. “Esse tipo de silêncio não é apenas injusto. Ele é perigoso”, escrevi.<sup>[50]</sup> “Ele diz às vítimas que a dor de vir a público não vale a pena. Diz muito sobre quem somos enquanto sociedade, sobre o que vamos ignorar, sobre quem vamos ignorar, sobre quem importa e quem não importa.” Eu esperava que aquela fosse minha última declaração sobre o assunto.

“Me pediram que falasse algo a respeito do caso. Falei”, disse a McGowan, tentando mudar o rumo da conversa. “Ponto-final.”

Ela riu amargamente. “Não existe ponto-final para esse assunto.”

Eu não era o único jornalista que tentava se aproximar de McGowan. Seth Freedman, o mesmo redator do *Guardian* que havia telefonado para Ben Wallace oferecendo ajuda, vinha mandando e-mails à HarperCollins, editora do livro de McGowan. Freedman era persistente: ligou diversas vezes para dizer que apoiava a atriz e que queria uma entrevista. Ele conseguiu conversar por telefone com Lacy Lynch, uma agente literária que prestava assistência a McGowan. Mas foi vago

quando ela quis saber mais sobre a matéria. Disse que trabalhava com um grupo de jornalistas numa pauta sobre Hollywood. Não quis dizer onde exatamente a matéria seria publicada. Mesmo assim, Lynch achou que ele era um repórter bem-intencionado e transmitiu sua impressão a McGowan, dizendo que a entrevista podia ser uma boa oportunidade.

Pouco tempo depois da minha conversa com McGowan, ela e Freedman falaram por telefone. Ele começou dizendo que estava no campo, do lado de fora da casa da fazenda de sua família, na Inglaterra, e que falaria baixo para que ninguém acordasse. “Sobre o que você quer falar comigo?”, perguntou McGowan.

“Nós queremos criar um instantâneo jornalístico da vida das pessoas de Hollywood em 2016/17”, ele explicou. Em seguida, mencionou as críticas ferinas que ela fizera a Donald Trump, sugerindo a possibilidade de uma “matéria desmembrada da reportagem principal” e que tratasse apenas de seu ativismo. Ao que tudo indicava, havia uma grande estrutura e muitos recursos por trás do trabalho de Freedman. Ele mencionou várias vezes que outros jornalistas o ajudavam na apuração, sem nunca nomeá-los.

McGowan conhecia de perto a traição e o abuso, e por isso costumava ser cautelosa. Mas Freedman parecia caloroso, sincero, até um confidente. Sempre falava de sua esposa e sua família, que estava em fase de expansão. Aos poucos, ela foi se afeiçoando ao repórter. Compartilhou sua história de vida e até chorou num dado momento. Quanto mais ela removía camadas e camadas de sua couraça emocional, mais específicas se tornavam as perguntas. “Claro que todas as nossas conversas são em off, mas falei com algumas pessoas que trabalharam em lugares como, sabe, digamos, a Miramax, e elas disseram, ‘Olha, eu assinei um acordo de confidencialidade’, o que significa que não podiam abrir a boca sobre o que passaram, mas ainda assim queriam a todo custo dizer ‘fulano abusou de mim, sicrano acabou com a minha vida’.”

“Meu livro vai tratar de muitas dessas coisas”, disse McGowan.



Freedman pareceu muito interessado no livro e no que ela planejava contar nele. “Como você vai conseguir um editor que queira publicar isso?”, perguntou, referindo-se às alegações dela.

“Na verdade, eu assinei um documento”, ela disse. “Um acordo feito na época do ataque.”

E quais seriam as consequências — perguntou Freedman — caso ela falasse mais do que devia? “Quase todo mundo com quem conversei em Hollywood diz coisas do tipo ‘não estou autorizada a falar disso publicamente’”, ele disse.

“Porque têm muito medo”, respondeu McGowan.

“E se falarem”, continuou Freedman, “nunca mais conseguirão trabalho ou nunca...”, mas ele não conseguiu completar a frase. McGowan já estava à vontade e passou para o assunto seguinte.

Por uma, duas, três vezes, Freedman tentou descobrir com que figura da imprensa ela pretendia conversar antes de lançar o livro e quanto planejava contar a essa pessoa. “Quem seria a plataforma ideal, nesse momento, para espalhar essa mensagem?”, ele insistia. “Quer dizer então que você não citaria o nome dele na mídia por medo”, falou, de novo em alusão às tais consequências, “de que, caso expusesse esse nome, sofreria represálias?”

“Não sei. Vai depender de como eu me sentir na hora”, disse McGowan.

Freedman falava como se fosse um aliado cheio de compaixão. “Então”, questionou, “o que te levaria a desistir?”



## 6. Continental

“Eles estão nessa briga há anos”, eu disse. Uma semana depois da minha conversa com McGowan, eu estava diante das câmeras do *Today*, na mesa do âncora, no estúdio 1A. Acabava de encerrar um bloco de notícias sobre uma disputa entre os defensores de medidas de segurança e a indústria de caminhões. O tema era a exigência da instalação, em carretas, de barras de proteção lateral que fossem capazes de impedir que os carros deslizassem sob elas. Os ativistas da segurança diziam que essa mudança salvaria muitas vidas. Os lobistas diziam que era caro demais implementá-la. “Bom trabalho, Ronan”, disse Matt Lauer rapidamente, e logo introduziu o bloco seguinte. “Realmente de primeira”, acrescentou, na pausa comercial subsequente, enquanto saíamos em fila do set. Havia assistentes de produção por todo lado, entregando-lhe o casaco, luvas, páginas de roteiro. “E o envolvimento da audiência foi legal, as pessoas se empolgaram pra falar no assunto.”

“Obrigado”, respondi. Ele se aproximou de mim.

“E aí, como andam aquelas outras histórias?”

Não sabia ao certo a quais se referia. “Tem uma importante sobre terras agrícolas contaminadas na Califórnia. Acho que você vai gostar dessa.”

“Claro, com certeza”, ele disse. Fez-se um momentinho de silêncio.

“E, na temporada do Oscar, tem aquela que mencionei uma vez”, falei, jogando verde para colher maduro.

Ele fez uma breve careta de preocupação, mas logo seu sorriso estava de volta. “Ótimo”, disse, dando um tapinha nas minhas costas. Dirigindo-se à saída, com a cabeça virada para trás, acrescentou, “Se precisar de qualquer coisa, me procura,

tá?”.

Observei-o caminhar até a praça gélida. Assim que passou pela porta giratória, uma rajada de gritos fanáticos eclodiu em sua direção.

Era início de fevereiro de 2017. McHugh e eu estávamos submersos num mar de reuniões intermináveis com os departamentos jurídico e de padrões do canal, que examinavam cada um dos elementos de nossas matérias sobre Hollywood, as quais estavam prestes a sair. A supervisão editorial coube a um veterano da NBC chamado Richard Greenberg, recém-nomeado chefe interino da divisão de jornalismo investigativo do canal. Greenberg costumava vestir tweeds amassados e usava óculos de leitura. Ele tinha quase dezessete anos de casa, dez deles como produtor do *Dateline*, os outros todos checando matérias para se adequarem ao padrão jornalístico. Era um tipo calado e burocrático, mas gostava de professar suas fortes convicções morais em público. Em seu blog de produtor, na época do *Dateline*, chamava abusadores sexuais de “pervertidos” e “monstros”. Depois de trabalhar, junto com Chris Hansen, apresentador de *To Catch a Predator*, numa matéria que se passava num bordel no Camboja, Greenberg escreveu, “Frequentemente acordo no meio da noite, assombrado pelos rostos das meninas que não foram resgatadas, que ainda sofrem abusos por lá”.<sup>[51]</sup> O advogado responsável pela checagem jurídica da série era um ex-aluno da Harvard Law, Steve Chung, um homem de aspecto estudadamente sério.

Naquela semana em fevereiro, McHugh e eu nos reunimos com Greenberg no seu escritório, próximo à redação do quarto andar, e juntos delineamos nosso cronograma de gravações para a semana seguinte, incluindo matérias em que os entrevistados estariam ocultos na sombra, prática frequente tanto no meu trabalho investigativo como em várias reportagens que Greenberg fizera para o *Dateline*. Ele balançou a cabeça em sinal de aprovação. “Já falaram disso tudo com Chung?”, perguntou. Eu já tinha falado. Greenberg, então, voltou-se para o



computador e abriu um navegador. “Só pra confirmar mais uma vez...”

Digitou o nome dos meus pais, em seguida o de Weinstein. “Boa ideia”, respondi. “Não tinha pensado nisso.” Os resultados foram os que esperávamos: como quase todos os diretores de estúdio, Weinstein teve algum envolvimento em filmes nos quais meus pais haviam trabalhado; distribuiu vários filmes de Woody Allen na década de 1990 e, mais recentemente, alguns que minha mãe estrelou nos anos 2000. A distribuição cinematográfica é um negócio discreto por natureza: eu nunca tinha ouvido nenhum deles mencionar o nome de Weinstein.

“Parece o.k.”, disse Greenberg, depois de passar os olhos por vários artigos. “Só queria garantir que não haveria nenhum interesse escuso envolvido. Claramente não há.”

“Não, nenhum interesse além de me importar com o assunto”, eu disse. Só me encontrara com Weinstein uma única vez, num evento organizado pelo âncora da CBS News, Charlie Rose, e tinha gostado dele.

Alguns dias depois, eu estava num quarto de hotel em Santa Mônica, sentado com Dennis Rice, executivo de marketing veterano, que suava em bicas. Bloqueadas por rebatedores quadriculados, as luzes do estúdio projetavam uma sombra para ocultá-lo. De início, nosso plano era falar apenas sobre as campanhas de premiação manipuladas. Mas então lhe perguntei sobre a época em que fora diretor de marketing da Miramax, trabalhando para Weinstein, no fim dos anos 1990 e início de 2000. Ele ficou nervoso. “Você não tem ideia do que pode me acontecer se eu abrir a boca”, disse. Mas Rice sentiu que podia colaborar com algo importante. Concordou em voltar para uma entrevista complementar, sentado de frente para a luz dura e concentrada do set de filmagem.

“Tinha um caixa reservado para o caso de alguma indiscrição exigir providência”, contou, lembrando do seu tempo na Miramax.

“Que tipos de indiscrição?”, perguntei.



“Intimidação, abuso físico, assédio sexual.”

Ele disse que testemunhou pessoalmente o chefe tocar “de maneira inapropriada” mulheres jovens, e que lamentava não ter feito nada na época. “Elas receberam dinheiro”, afirmou. “Foram incentivadas a não fazer muito alarde. Caso contrário, poderiam arruinar suas carreiras.” Disse que conhecia casos específicos de retaliação. Quando as câmeras foram desligadas, olhou ao redor por um instante e disse, “Procure Rosanna Arquette”. Tratava-se de uma atriz que alcançou o sucesso com o papel principal em *Procura-se Susan desesperadamente*. Em *Pulp Fiction*, distribuído por Weinstein, fez uma ponta inesquecível como a esposa cheia de piercings de um traficante. “Sei lá”, disse Rice, limpando o suor acumulado da testa. “Talvez ela fale.”

Mais tarde, enquanto revia as filmagens, decidi rebobiná-las até chegar a uma fala sobre o ambiente ao redor de Weinstein, então coloquei o vídeo novamente.

“E, de todas as pessoas próximas a esse homem, que viram essas coisas acontecendo”, perguntei, “nenhuma delas reclamou?”

“Não”, ele respondeu.

Naquela noite e nos dias seguintes, trabalhei muito por telefone. Estava compilando uma lista de mulheres que talvez tivessem feito acusações contra Weinstein ou se queixado dele em algum momento. Era uma lista com nomes de muitas atrizes e modelos, mas também de algumas produtoras e assistentes, e que só crescia. Certos nomes se repetiam, como o de McGowan e o de uma atriz e diretora italiana, Asia Argento.

Liguei de novo para Nickerson, a produtora que até então hesitara em falar sobre Weinstein.

“Estou de saco cheio do que as mulheres vivem nessa indústria. Quero ajudar, quero muito”, ela disse. “Vi coisas horríveis. Aí eles me deram dinheiro e eu assinei um pedaço de papel em troca.”

“O que você viu?”

Um breve silêncio. “Ele não conseguia se controlar. É da

natureza dele. É um predador sexual.”

“E você poderia testemunhar o que viu?”

“Sim.”

Ela também topou falar para as câmeras. Sentou-se oculta na sombra na propriedade de Encino onde estava hospedada. E descreveu, sem estímulo externo, um padrão predatório muito semelhante ao descrito por Rice.

“Acho que as apalpadas aconteciam o tempo todo”, disse na entrevista. “Não foi um caso isolado. Nem foi só uma fase. Esse comportamento predatório contra as mulheres foi contínuo — não importava se elas consentiam ou não.” Ela disse que esse tipo de atitude foi incorporado à cultura corporativa de um modo quase ridículo; na folha de pagamento da empresa, havia um sujeito que era praticamente um cafetão e cujo verdadeiro papel — arranjar mulheres para o patrão — era encoberto apenas por uma descrição de trabalho genérica, e nada mais.

“Todo mundo sabia de seu comportamento ‘predatório’ com as mulheres, para usar um termo que você mesma utilizou?”, perguntei.

“Sem dúvida”, ela respondeu. “Todo mundo sabia.”

Mandei uma mensagem de texto para Oppenheim, dizendo, “Para o seu conhecimento, aquela matéria vai se transformar num trabalho investigativo pra lá de sério sobre HW”. “Os dois executivos citaram o nome dele diante das câmeras, mas um deles me pediu para não exibir as imagens em que diz seu nome”, escrevi, me referindo a Rice. “O pessoal está muito assustado com a possibilidade de ser retaliado.” Oppenheim escreveu de volta, “Dá pra imaginar”.

Quanto mais eu ligava para outras pessoas, mais se confirmavam as alegações de Rice e Nickerson. Também fui atrás de pessoas que defendessem Weinstein, mas as poucas que ouvi me soaram insinceras. Nickerson me deu o nome de uma produtora que ela acreditava ter sido uma das vítimas. Finalmente consegui encontrá-la na Austrália, para onde se mudara em busca de um recomeço. Quando ela disse que não tinha o que dizer sobre



Weinstein, senti dor e tristeza em sua voz, e percebi que a colocara numa situação delicada.

Outra conversa, com Donna Gigliotti, produtora de *Shakespeare apaixonado*, se deu de maneira quase idêntica.

“Se ouvi falar? Talvez. Mas daí a presenciar algo?”, ela perguntou.

“O que você ouviu?”

Veio um suspiro exasperado, como se aquela fosse uma pergunta ridícula.

“O cara não é santo. E pode acreditar que nossa relação não é nenhum mar de rosas, mas ele não é mais culpado do que outros milhares de homens desse meio.”

“O que você quer dizer é que não acha que tenha material aí para uma reportagem?”

“O que *estou* dizendo”, afirmou Gigliotti, “é que você está perdendo tempo. Isso já foi investigado antes e todos os jornalistas saíram de mãos abanando, você sabe.”

Não, eu ainda não sabia. Mas logo comecei a ouvir falar de outros veículos que já haviam tentado publicar reportagens sobre o assunto. Dois anos antes, a redatora da *New York Magazine* Jennifer Senior tuitou, “Vai chegar a hora em que tds as mulheres com medo de falar sobre Harvey Weinstein vão ter q dar as mãos e se jogar de cabeça”.[52] Em seguida, “É um segredo que na verdade todos conhecem. E é asqueroso”. Os comentários dela inspiraram alguns artigos de blog, mas logo foram esquecidos. Mandei uma mensagem de texto para ela com um convite para conversarmos ao vivo. “Eu não estava trabalhando naquilo”, me disse. “David Carr, que era meu ‘marido de escritório’ quando trabalhamos na NYMag, escreveu um artigo sobre o Weinstein e acabou ouvindo um monte de histórias horrorosas sobre ele.”[53] Carr, ensaísta e repórter de mídia morto em 2015, contou a Senior sobre os rumores de que Weinstein exibia suas partes íntimas e agarrava mulheres por aí, mas nunca conseguiu reunir evidências suficientes para publicá-los. “Muita gente já tentou escrever essa história”, Senior disse. Em seguida, me desejou boa sorte, como se estivesse